

## Capítulo 7

### PARA UMA ESTRUTURA RADIAL DAS CONSTRUÇÕES X-ÃO DO PORTUGUÊS DO BRASIL

*Carlos Alexandre Gonçalves*

*Aldo Oliveira Baptista Jr.*

*Bruna Fernanda Ferreira Cândido*

*Rachel Souza Alves Vieira*

O objetivo do presente capítulo é, a partir de dados empíricos, observar os grupos de afinidade morfo-sintático-semântica do sufixo aumentativo -ão no português brasileiro (modalidades oral e escrita). A partir dos agrupamentos, pretendemos (a) estabelecer o significado mais básico do sufixo e (b) propor uma rede, nos termos de Fillmore & Kay (1994), que explicita a extensão polissêmica dos diferentes tipos de aceção a partir de núcleo(s) semântico(s) comum(ns). Além disso, confrontamos, com base em Silva (2007), os usos de -inho com os de -ão, destacando as principais semelhanças e diferenças entre esses dois sufixos de grau.

O capítulo é dividido como se segue: em primeiro lugar, são apresentadas as visões de alguns gramáticos tradicionais e morfólogos do português sobre o referido afixo; logo após, resenhamos o trabalho de Rosa (1983), um importante estudo sobre a produtividade lexical do aumentativo; em seguida, com base nos dados rastreados, elencamos os diversos grupos de aceção do sufixo aumentativo -ão para, por fim, estabelecer a rede radial e formalizar a relação entre os significados centrais e os significados periféricos desse formativo.

Os dados que sustentam a análise foram coletados a partir de fontes diversas: (i) conversas espontâneas de falantes nas mais variadas situações de uso, de janeiro a agosto de 2009; (ii) busca eletrônica nos dicionários Aurélio (HOLANDA, 1999) e Houaiss (HOUAISS, 2001); e (iii) rastreamento eletrônico, pela ferramenta *Google*, em *sites* de relacionamento da *internet*, como o *Orkut*, *blogs* e *chats*. Também fizemos uso de seis entrevistas da amostra NURC/RJ e seis do *corpus* PEUL. Nesses casos, utilizamos a ferramenta *Concordance* do *software* *Wordsmith Tools* para a recolha. Com a ajuda da *Concordance*, digitamos as terminações -ão e -ona e a ferramenta retornou tanto a quantidade de palavras com esses elementos morfológicos nas entrevistas (transformadas em arquivo .txt, para que pudessem ser rodadas) quanto os contextos em que apareciam.

## Abordagens sobre o grau aumentativo em português

Nas gramáticas tradicionais e escolares, os afixos de grau são geralmente descritos em capítulos/seções que abordam a flexão do substantivo (ROCHA LIMA, 1975; LUFT, 1979; CEREJA & MAGALHÃES, 1994). Algumas obras destacam que -ão e outros sufixos, como -aço e -arrão, denotam apenas tamanho (CUNHA & CINTRA, 1975), chegando a afirmar que grau é *possibilidade de indicar o tamanho do ser que nomeia* (LUFT, 1979: 42).

Poucas gramáticas vão além da descrição meramente formal dos afixos, apresentados quase sempre em listas, e mais raras ainda são as que mencionam a possibilidade de tais formativos desempenharem “função expressiva” (valoração positiva ou depreciativa / afetividade) (BECHARA, 1972; INFANTE, 2001).

Das gramáticas tradicionais consultadas, a de Rocha Lima (1975) é uma das poucas que apresentam exemplos de vocábulos que sofrem lexicalização<sup>1</sup>, a exemplo de ‘pescoção’ (“tipo de tapa no pescoço”) e ‘sacolão’ (“estabelecimento comercial em que se vendem frutas e legumes por peso”). Ressalte-se, por fim, que muitas gramáticas ainda insistem em classificar os afixos de grau como elementos da flexão (ROCHA LIMA, 1957; LUFT, 1978; CEREJA & MAGALHÃES, 1994; CUNHA & CINTRA, 1975).

---

<sup>1</sup> Lexicalização é um fenômeno pelo qual determinados vocábulos sofrem modificação semântica, a exemplo de ‘perua’ (“Kombi”) e ‘orelhão’ (“telefone público”). Essa mudança leva a opacificação do sentido original e se manifesta, entre outros, também nos afixos de grau (GONÇALVES, 2005).

Os manuais de morfologia do português diferem das obras de cunho mais tradicional em dois aspectos, fundamentalmente: (a) evidenciam que o grau é processo derivacional (MATTOSO CÂMARA JR., 1970; SANDMANN, 1991) e (b) observam que o aumentativo apresenta grande variedade de significados em português, indo muito além da aceção de tamanho (LAROCA, 1994; ROCHA, 1998; LOPES, 2003).

Basílio (1987), cujas propostas são constantemente mencionadas nas demais obras, mostra que os processos de formação de palavras apresentam três grandes funções: (a) a semântica (manifestação de um ou mais significados), (b) a sintática (relacionada à mudança de classe) e (c) a discursiva (expressão de aspectos subjetivos do emissor). Sandmann (1991), com base nas considerações expostas em Basílio (*op. cit.*), salienta a importância da função discursiva nos afixos de aumentativo, que, conforme a situação e o contexto, podem expressar apreço (“que carão bonito tem fulana!!”) ou desprezo (“tem um carão que espanta criancinha<sup>2</sup>”).

O fenômeno da lexicalização é abordado na maior parte dos manuais de morfologia consultados, apesar de nem todos, como Laroca (1994), apresentarem exemplos envolvendo o sufixo -ão. Rocha (1998) aborda o assunto mais exaustivamente, mencionando não só a opacificação semântica, mas também outros tipos de cristalização (rizomórfica, categorial, prosódica e estrutural). Esse autor diferencia lexicalização do fenômeno que denomina “fossilização” (opacificação de sentido em proveito da rotulação), fornecendo uma lista bem representativa de casos envolvendo o aumentativo: ‘cebolão’ (“relógio grande demais”), ‘tijolão’ (“celular ou livro de tamanho avantajado”), ‘sapatão’ (“homossexual feminino”) e ‘ferrão’ (“dardo próprio de alguns insetos que lhes serve de defesa”), entre tantos outros.

O trabalho de Rosa (1983), sobre os sufixos aumentativos, serviu-nos de base para a análise de -ão, foco deste trabalho, e recebe detalhamento especial na seção a seguir.

## Uma visão dos estudos de Rosa (1983) sobre os aumentativos

Em sua dissertação de mestrado intitulada *Formação de nomes aumentativos: um estudo da produtividade de alguns sufixos portugueses*, Rosa (1983) analisa dez

---

<sup>2</sup> Todos os exemplos apresentados neste capítulo são de frases rastreadas pela *internet*.

sufixos aumentativos, focalizando os que considera mais produtivos na língua – -ão (‘carrão’, ‘brigão’) e -aço (‘timaço’, ‘ricaço’). Ressalta, seguindo a tradição gramatical, que o aumentativo pode se manifestar por um nome acompanhado de adjetivo (expressão analítica – ‘copo grande’) ou pela sufixação de afixos específicos (manifestação sintética – ‘copão’).

Para a autora, o binômio sintético-analítico corresponde à distinção emotivo-neutro. O aumentativo sintético não tem lugar em discursos em que a emotividade deve ser contida, como textos de maior formalidade, como os científicos. Quando expresso por meio da derivação sufixal, o aumentativo exprime emotividade e é marcadamente subjetivo, sendo mais utilizado em textos orais; por outro lado, quando expresso por meio de uma construção sintática, o aumentativo é neutro quanto à emotividade e quase sempre destituído de conotações subjetivas. Desse modo, condições de produção, nos termos de Kastovsky (1986) e Basílio (1990), podem favorecer ou interditar o uso dos afixos de aumentativo.

O aumentativo sintético pode conferir a uma palavra maior ou menor intensidade (‘rapidão’, ‘cedão’). Nos nomes, também pode veicular desprezo (‘narigão’, ‘cabeção’), intimidade (‘Marcelão’, ‘amigão’) ou afetividade (‘filhão’, ‘paizão’). Para Rosa (1983), o aumentativo tem, na maioria das vezes, caráter depreciativo, diferenciando-se do diminutivo que, para ela, quase sempre expressa valores positivos<sup>3</sup>. Dessa forma, Rosa (*op. cit.*) questiona se seria justificável tratar esses sufixos como grau, uma vez que eles vão além dessa acepção.

No que diz respeito à classificação do grau como derivação ou flexão, Rosa aponta para três critérios que levam a classificá-lo como derivação, pois esse afixo (i) apresenta evolução semântica, (ii) não é obrigatório no âmbito do sintagma nominal e (iii) veicula conteúdos também expressos por adjetivo/adverbo + nome/adjetivo. Gonçalves (2005; 2007) pondera essa categorização, mostrando que os afixos de grau apresentam características tanto flexionais quanto derivacionais e opta, seguindo Bybee (1985), pela descrição desses formativos a partir de um *continuum* morfológico.

De acordo com Rosa (*op. cit.*), nomes concretos são mais aceitos como bases para formações aumentativas. Em testes de aceitabilidade que a autora

---

<sup>3</sup>Na análise, destacamos que, ao contrário de -inho, que apresenta usos efetivamente depreciativos (SILVA, 2007), nos dias de hoje, -ão quase nunca está relacionado à expressão da pejoratividade, o que pode sinalizar uma mudança nesses quase 30 anos que separam a pesquisa de Rosa (*op. cit.*) da nossa.

aplicou, adultos rejeitaram praticamente todos os aumentativos derivados de bases primitivas abstratas (p. ex., ‘paz’, ‘saudade’), acontecendo exatamente o oposto com informantes adolescentes. Esses resultados indiciam possibilidade de mudança semântica envolvendo o afixo.

Nas gramáticas tradicionais, o sufixo -ão é considerado formador por excelência de aumentativos, ao passo que -aço é muitas vezes descrito como pejorativo (CUNHA & CINTRA, 1975; BECHARA, 1972). No estudo de Rosa, percebeu-se que, em informantes mais jovens, a noção pejorativa atribuída a -aço praticamente se perdeu, mantendo-se apenas para os informantes na faixa dos sessenta anos, o que constitui mais uma evidência de mudança semântica envolvendo esses afixos.

Para a autora, o sufixo aumentativo efetivamente dimensivo é -ão, já que -aço é considerado um intensificador que indica qualidade maior, independente da dimensão (‘golaço’, ‘apartamentoço’). Dessa maneira, itens lexicais de mesma base, formados por -ão e por -aço, não são sinônimos, o que Rosa exemplifica por meio de ‘mulherão’ (“mulher fisicamente grande”) e ‘mulheraço’ (“mulher com físico perfeito”). Em nossos dados, não observamos comportamento similar ao atestado por Rosa (*op. cit.*), o que sugere que -ão pode ter absorvido as funções de -aço, ao longo desses quase trinta anos.

Para Rosa, -ão pode indicar “dimensão” ou “qualidade em grau elevado” apenas quando não houver item X-aço derivado da mesma base, já que -aço (a) está perdendo seu valor pejorativo e (b) passando a indicar qualidade em alto grau. Esse sufixo também começa a formar novos vocábulos a partir de bases primitivas concretas, mas, na década de 1980, conforme os resultados de Rosa (*op. cit.*), essa aceitação é restrita aos jovens.

Rosa atenta para as formações que originalmente tenham sido aumentativos ou diminutivos, mas perderam esse valor, e cita Rocha Lima (1975) e Cunha & Cintra (1975), que denominam esses casos de, respectivamente, “*aumentativos e diminutivos meramente formais*” e “*especialização de formas*”. Destaca, também, os “*agentivos aumentativos*”, que correspondem a nomes cujo aumentativo provém de uma base verbal (‘chorão’, ‘resmungão’). Para esse tipo de construção, não há um diminutivo correspondente (‘babão’/\*babinho) e, por isso mesmo, a autora considera que esse *não parece um caso de aumentativo*.

Quando há interpretação de aumentativo na palavra, o sufixo de diminutivo não pode ser aplicado (\*calorãozinho). No caso dos “*agentes aumentativos*”, o acréscimo de -inho é possível (‘brigãozinho’, ‘chorãozinho’) porque o

aumentativo faz referência à ação expressa pelo verbo e o diminutivo é aplicado ao ser que pratica a ação. Na seção seguinte, em que analisamos os usos do aumentativo com base nos dados rastreados, retomaremos alguns dos aspectos apresentados em Rosa (1983), mostrando que várias mudanças semânticas ocorreram nas formações X-ão do português brasileiro.

## **Sobre os usos do sufixo -ão em português**

Segundo Gonçalves (2007: 145), *o grau é uma categoria semântica que se presta à indicação de atitudes subjetivas do falante em relação ao enunciado ou uma de suas partes. Por isso mesmo, está diretamente relacionada à perspectiva do emissor que, ao intensificar ou dimensionar, orienta seu interlocutor para juízos de valor a respeito da pessoa ou coisa referida no enunciado*, o que confere ao item morfológicamente complexo relevância tamanha que o torna marcado.

Pela citação, percebe-se que até mesmo a expressão do aumento de tamanho pode ser considerada subjetiva, já que é relativa e, por isso, pode variar de indivíduo a indivíduo: o que é considerado grande para um, pode não o ser para outro, apesar de existirem padrões culturalmente instituídos acerca do tamanho de seres e coisas. Visto dessa maneira, o sufixo -ão é avaliativo por natureza; talvez esteja aí a justificativa da ampla diversidade de usos e acepções desse formativo.

É grande a variedade de sufixos de grau em português, tanto aumentativo, como diminutivo, mas, sem dúvida, é -ão o sufixo aumentativo mais produtivo na língua ('mesão', 'chinelão'), da mesma forma que -inho é o sufixo diminutivo ('bichinho', 'mesinha') por excelência do português (SILVA, 2007). O Dicionário Eletrônico Houaiss (HOUAISS, 2001) descreve o sufixo -ão como aquele que tem a função de:

- 1) nos substantivos concretos, indicar o tamanho maior de um ser ou objeto ('pé' > 'pezão'; 'chineló' > 'chinelão');
- 2) nos substantivos abstratos, expressar intensificação ('aula' > 'aulão'; 'tapa' > 'tapão');
- 3) nos adjetivos substantivados, manifestar, analogamente, intensificação ('forte' > 'fortão'; 'lindo' > 'lindão').

Se é -ão é o sufixo aumentativo mais produtivo em português, também é o mais apontado pela tradição gramatical para indicar um objeto de tamanho

maior que o referido pela palavra-base. Tendo em vista que os significados mais básicos são os mais concretos (ver capítulo 1), consideramos “*aumento de tamanho*” o significado central do sufixo -ão, que naturalmente se adjunge a substantivos concretos (‘pé’, ‘chineló’, ‘menino’, ‘brinco’, ‘relógio’). Como o próprio nome indica, o aumentativo centralmente exprime o tamanho maior de um referente – mais especificamente um tamanho superior ao normal, isto é, ao protótipo da respectiva categoria: ‘pezão’, ‘chinelão’, ‘meninão’, ‘brincão’, ‘relôjão’.

Das formações relacionadas a esse significado central, podemos depreender diversas categorias de uso, que vão das mais concretas e próximas ao núcleo significativo, até as mais abstratizadas e distanciadas desse eixo. A acepção central pode ser metonímica ou metaforicamente aplicada a outros domínios, adquirindo, com isso, diversas nuances de significado, sendo, portanto, atualizada e reinterpretada.

Exprimindo essa acepção de dicionário, aparece, no *corpus* aqui utilizado, um pequeno número de exemplos (cerca de 15% das formas rastreadas – 140 das quase 900 palavras encontradas). Tais dados atestam a produtividade do sufixo, mas também revelam que essa acepção, apesar de ser a mais básica, é a menos frequentemente veiculada por -ão. Exemplos do que chamamos de “-ão *aumentador*” são vistos em (01), a seguir:

- (01)(a) Ele tem uma **barbona** grandona como a do papai noel.  
(b) É um tipo feio e mal encarado com um **bigodão** enorme que mais parece a bunda dum preá, pele queimada do sol e um **mãozão** tipo marreta.  
(c) todas com aquele **barrigão** de cerveja, o cabelo desgrenhado.

Fato digno de nota é a utilização, quase categórica, de um adjetivo ou de uma expressão comparativa para reforçar a noção de aumento já expressa pelo sufixo -ão, como se vê em (01a) e em (01b). Isso nos leva a interpretar a acepção dimensiva como (i) desgastada pelo uso e (ii) potencialmente ambígua, servindo o adjetivo e a símile (01b) como sinalizadores da leitura aumentativa para evitar potenciais mal-entendidos.

Seguindo a abordagem de Silva (2007) para o diminutivo, depreendemos um sentido mais específico do aumentativo, ainda no domínio “*tamanho maior, tamanho avantajado*”, porém mais especializado, por funcionar como uma espécie de “*aumentador explicativo*”. Esse é um emprego tautológico de -ão, pois a base já denota algo de proporções grandes e o sufixo apenas reforça / acentua esse aumento. Vejam-se os dados em (02), a seguir:

- (02)(a) Foi surpresa quando vimos esse **naviozão** chegando. Todas as vezes que isso acontece no Porto de Manaus nossas vendas aumentam.
- (b) pois faça ou não faça sol, aquele **ladeirão** é um Everest...rs ...
- (c) Tentei subir o **morrrão** umas seis vezes...valeu a pena, pois não desisto.

Sem dúvida alguma, ‘navio’ e ‘ladeira’ já denotam algo de proporções maiores que a dos membros mais representativos da classe (‘barco’, ‘subida’). O sufixo, desse modo, não é meramente um aumentador, como em ‘barriga’ > ‘barrigão’ ou ‘bigode’ > ‘bigodão’, mas uma espécie de realce para o falante expressar o impacto da dimensão avantajada dos referentes.

Interpretado por meio da metáfora “*tamanho é quantidade*”, o sufixo aumentativo pode se aplicar a substantivos concretos ou abstratos, resultando no significado “*grande quantidade de X*” ou “*grande parte de X*” / “*parte grande de X*”, como se vê nos exemplos em (03), a seguir:

- (03)(a) ficamos livres de um bonde e ainda ganhamos um **punhadão** de dólares.
- (b) e o único **copão** de refrigerante está inacessível. Todos estão pela metade e só aquele está mais cheio.
- (c) a criação do **copão** de pão foi um grande sucesso de marketing.

No primeiro exemplo em (03), ‘punhadão’, observa-se que o falante ressalta a grande quantidade de dinheiro. Nos demais casos, a noção de quantidade é metonicamente expressa na relação continente/conteúdo, já que o referido copo pode não ser necessariamente grande, como em (03b), mas cheio do que contém (refrigerante). O mesmo acontece em (03c), que remete a um copo, de proporções normais, mas repleto do que nela está contido: pães de queijo. Diversos substantivos concretos recebem a interpretação de aumento não a partir da especificação do tamanho maior do referente, mas, numa relação de contiguidade, a partir da quantidade que comportam. A título de exemplificação, observem-se os usos abaixo:

- (04)(a) Meteu a mão no bolso e tirou o **carteirão** de dinheiro.
- (b) Voltou do shopping com um **bolsão** de compras.
- (c) Bateu um **pratão**.
- (d) Comeu um **sopão** cheio de legumes.

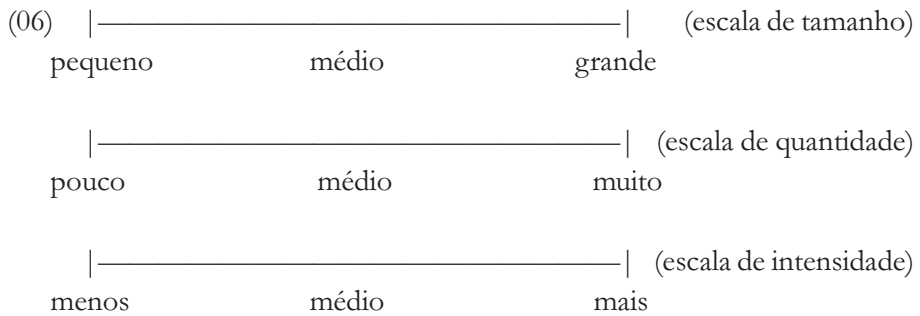


Podemos afirmar, portanto, que a noção de *quantidade* deriva diretamente da de *aumento de tamanho* (é perspectivizada pela reunião de vários itens da mesma classe reunidos em um *container*) e se manifesta basicamente em substantivos concretos, metonicamente interpretados a partir da relação continente-conteúdo (por exemplo, “bater um prato” não corresponde a comer em um “prato de proporções maiores”, mas grande a partir do que nele se coloca). Dessa dimensão, a *quantidade*, provém, nos usos de -ão, a manifestação da *intensidade*. Nos exemplos em (05), X-ão pode ser interpretado como “*muito X*” ou “*X muito forte/intenso*”:

- (05)(a) Olha o **ABRAÇÃO** que a Helô deu na Hannia!!!
- (b) Pra variar eu estava **enroladão**, atrasado com várias coisas.
- (c) Acabou levando um **tapão** violento, bem naquele lugar. .... hahahaha arrancou os dente do maluco com um **tapão**?
- (d) Ola, o site tá **legalzão**, mas precisava de mais alguns downloads, como carros, motos, skins e etc...
- (e) Cansadão, **mas feliz demais com o carinho e as boas energias que a familia e os amigos de Minas me deram.**
- (f) pow o video fikou **maneirao**!!!!mais vc me esqueceu pow!!!!!! Pô Marcelo vi o programa, **maneirão** e vc comentou sobre o blog e disse q vc mesmo q atualiza e tal
- (g) na balada claro que as gurias preferem um cara **cheirosão**.
- (h) **celular v710** completão **usado mas em ótimo estado.**
- (i) Eu depois de um **tombão**!! hahaha, reparem no cotovelo sangrando... hshshs foi mto tri esse dia!
- (j) Como desenhar um barrigudo, careca e **feiosão**, primo do bicho papão. **Feiosão**. Esse é feio de mais. levei até um susto!

Como se vê, as bases, nesse caso, tanto podem ser substantivas (‘abração’, ‘tapão’, ‘tombão’) como adjetivas (‘feiosão’, ‘completão’) e adverbiais (‘rapidão’, ‘cedão’). A acepção *intensidade*, entretanto, tende a se manifestar com mais frequência em bases adjetivas (incluindo os participípios) e adverbiais (cerca de 70% dos dados desse grupo), o que, por si só, constitui indício de que tal sentido deriva de outro, já que o *aumento de tamanho*, em sentido literal, só pode ser atualizado em substantivos concretos.

Podemos inferir que o significado *intensidade* resulta, em substantivos como ‘tapão’ e ‘abração’, da quantificação de eventos em princípio não-quantificáveis, mas graduáveis numa escala de força, que parte do mais fraco para o mais forte (‘tapinha’ – ‘tapa’ – ‘tapão’). As metáforas “*o que é grande é muito*” e “*o que é muito é mais*” licenciam os usos intensivos de -ão: se, numa escala de tamanho (menor-maior), esse afixo se localiza à direita (maior), também figura à direita numa escala de quantidade (pouco-muito) e de intensidade (menos-mais), como se vê em (06), a seguir:



Pelo que se expõe até o momento, pode-se afirmar que, ao significado central, “*tamanho grande*”, relacionam-se, direta ou indiretamente, diversos outros significados chamados *satélites* – “*aumentativo explicativo*”, “*quantidade*” e “*intensidade*”, tomados como (a) mais abstratos/abstratizados; (b) mais específicos/especializados e (c) gradualmente menos referenciais. Os significados-*satélites* relacionam-se ao central via metáfora ou metonímia. Assim, o sufixo -ão forma uma rede radial, nos termos de Lakoff (1987), em que se parte de um domínio mais espacial (próprio da dimensão de referentes, quer por tamanho, quer por quantificação) para usos cada vez mais avaliativos.

A partir desse centro semântico do aumentativo, já contendo extensões de “*tamanho grande*”, derivam dois conjuntos de sentidos: um, em nível menos básico, compreende os usos avaliativos e discursivo-pragmáticos de -ão; outro, ainda mais periférico, é constituído por formações lexicalizadas, que rompem a relação entre o referente da palavra-base e o referente da nova construção com o sufixo. Começemos com os usos discursivo-pragmáticos de -ão.

Em uma aplicação metafórica originária da domínio *intensidade*, há construções que exprimem pejoratividade com a manifestação de um

posicionamento crítico do falante em relação ao referente. Nessas construções X-ão, o caráter depreciativo deriva de uma estereotípia, como se vê nos exemplos a seguir:

- (07) (a) Abelardo é muito **resmungão, reclamão** e, ainda por cima, **bocão**...  
Come à beça.  
(b) O Rogerinho é **pidão** demais... Mó **filão**... Vive me pedindo cigarro!  
(c) Toda hora Inácio vai ao banheiro: ele é simplesmente um **mijão**.  
(d) Não gosto desse tipo muito **entrão**.  
(e) O **chorão** do Nicanor ficou amarradão na Magnólia.

Em todos os exemplos em (07), o *input* da operação morfológica é um verbo<sup>4</sup> e o teor negativo expresso pela construção provém do excesso com que o agente pratica o que se especifica na base, nem sempre marcada pela expressão da pejoratividade (‘entrar’, ‘pedir’, ‘chorar’)<sup>5</sup>. Obviamente, dados como ‘resmungão’, ‘chorão’ e ‘reclamão’ estão relacionados à estereotípia, ou seja, ao caráter social da deturpação, como descrito no capítulo 1, uma vez que o exagero é avaliado negativamente pelo falante. Tais usos estão diretamente ligados à dimensão *intensidade*, aqui atualizada pelo aspecto iterativo, que imprime às formas X<sub>v</sub>-ão caráter nitidamente depreciativo<sup>6</sup>. Denominamos as formações em (07) de “*agentes frequentativos*”, interpretados como “*aqueles que habitualmente fazem/praticam X*”. Esse é um dos usos avaliativos de -ão, o único que consideramos verdadeiramente pejorativo, ao contrário do que observou Rosa (1983), na década de 1980.

Na maioria dos casos, o falante expressa, com o acréscimo de -ão, o impacto positivo sobre o referente. Os usos apreciativos do aumentativo

---

<sup>4</sup> Inúmeros nomes deverbais constituem *input* para formações intensivas X-ão, a exemplo de ‘apertão’ e ‘abração’. Em alguns casos, entretanto, a base é indiscutivelmente verbal, pois não há substantivo correspondente, como em ‘puxão’, ‘empurrão’, ‘beliscão’ e ‘pisão’. Tais formas expressam intensidade e são analisadas por Said Ali (1964) como designadoras de atos violentos. A metáfora “*tamanho é intensidade*” também é válida para esses casos, que designam atos / eventos mais fortes (maiores) que os prototípicos.

<sup>5</sup> Agentes frequentativos X-ão são encontrados em formas verbais de 1ª. conjugação. Nos poucos dados de 2ª. e 3ª. conjugações, a sequência isolável nem sempre é -ão, como se observa em ‘comilão’, ‘sabichão’ e ‘beberrão’.

<sup>6</sup> No nosso entendimento, a iteratividade está para o verbo como a quantidade está para o substantivo. Portanto, nesses casos, ainda estaria valendo a metáfora “*quantidade é tamanho*”, mais abstratizada, nessa situação.

sinalizam vários domínios de avaliação positiva. Através do aumentativo, nomeamos/qualificamos o que nos proporciona prazer – mais frequentemente, o que é saboroso, e assim utilizamos aumentativos para designar os pratos ou os alimentos preferidos (08a), mas também o que é igualmente agradável a qualquer outro sentido (08b, 08c) ou o que consideramos bonito (08e, 08f). Tais aumentativos podem ser considerados hedônicos, pois estão relacionados ao que dá prazer. Vejam-se os exemplos a seguir:

- (08)(a) Comi aquele **bifão** mal passado que eu adoro com arroz e batatas fritas e uma cerveja **geladona**.  
(b) Peguei um **solzão** maravilhoso neste fim de semana.  
(c) Ontem, vi um **filmão**. Adorei!  
(d) O apartamento do Rodolfo dá **vistão** pro mar!  
(e) Sua vizinha é **gostosona: bundão, peitão, coxão**.

Nesses exemplos, a função central de aumento do tamanho ou de outra dimensão tende a desaparecer: em “*Comi aquele bifão mal passado*”, o aumentativo não necessariamente designa “pedaço grande de carne”, mas revela a apreciação do falante pelo prato. Consequentemente, o aumentativo não é conotativo nos empregos em (08). A autonomia do sentido apreciativo-positivo verifica-se também em casos como ‘filmão’, ‘solzão’ e ‘vistão’. Pode-se admitir, nesses exemplos, certa função explicativa, no sentido de que o sufixo reforça conotações positivamente apreciativas do referente expressas pela palavra-derivante.

Na base desses usos avaliativos positivos, estão motivações experienciais e culturais. Pode-se inferir, portanto, que eles provêm da metáfora conceptual “*o que é grande é de qualidade, é melhor que o prototípico*”. Usos avaliativo-apreciativos de -ão são mais tipicamente encontrados na fala masculina e, na grande maioria dos casos, rotulam: (a) o que é saboroso, apreciável ou agradável ao paladar (‘bifão’, ‘churrascão’, ‘biscoitão’, ‘hamburgão’); (b) partes do corpo feminino comumente apreciáveis sob a perspectiva masculina (‘peitão’, ‘bundão’, ‘coxão’, ‘bocão’); (c) força ou excelência em esportes (‘timão’, ‘porradão’, ‘goleirão’, ‘chutão’, ‘bandeirão’, ‘bolão’, ‘jogão’); e (d) itens que conferem *status* na perspectiva masculina de poder/intensidade/força/potência (‘bombadão’, ‘carrão’, ‘motão’/‘motona’, ‘sonzão’, ‘musicão’, ‘rodão’, ‘motorzão’, ‘turbinação’).

Acreditamos, ao contrário de Rosa (1983), que, nos dias de hoje, aumentativos não são depreciativos (exceto os chamados “*agentes*

*frequentativos*)<sup>7</sup>, diferentemente dos diminutivos, que, nas palavras de Silva (2007: 187), podem estar a serviço *da manifestação de desprezo, ou menos, da designação de coisas de pouco valor ou de pouca importância* (‘livrinho’, ‘coisinha’), *da pequenez moral e em formas de tratamento depreciativo* (‘sujecinho’, ‘gentinha’, ‘povinho’), *de comportamentos efeminados* (‘mariquinha’, ‘frutinha’, ‘bambizinho’), *expressões de indigência* (‘ceguinho’, ‘aleijadinho’, ‘velhinho’); *e até usos irônicos, jocosos e sarcásticos* (‘engraçadinho’ / ‘espertinho’ / ‘gracinha’, (é um) ‘santinho’, ‘anjinho’!!!).

Os usos avaliativos de -ão revelam um processo de *pragmatização*, uma vez que servem a propósitos comunicativos do enunciador frente à audiência. De acordo com Dressler (1986), o emissor pode externar seu ponto-de-vista através de marcas morfológicas, o que justifica afirmar que o significado dos afixos pode se alterar em função do contexto ou da interação lingüística. Passemos, por fim, à última situação envolvendo o sufixo aumentativo: a lexicalização.

É grande o número de formas lexicalizadas com o sufixo -ão. De acordo com Basílio (2004: 68), *formamos um aumentativo para designar um novo objeto, relacionado porém distinto do que é denotado pela base, e caracterizado como de grande dimensão*. Em tais formações, depreendem-se dois diferentes agrupamentos quanto à relação semântica estabelecida entre o significado da palavra-base e o da construção lexicalizada. O primeiro deles é “*tipo grande de X*” ou “*versão de X aumentada*”, com formações que convergem para uma especificidade de função em relação à base:

(09)

|                    |                           |                     |
|--------------------|---------------------------|---------------------|
| abelhão (“óculos”) | amarelão (“doença”)       | batidão (“funk”)    |
| bolão (“aposta”)   | caveirão (“transporte”)   | cebolão (“relógio”) |
| frescão (“ônibus”) | medalhão (“tipo de bife”) | furão (“animal”)    |

<sup>7</sup> Obviamente, se a base é negativa, a construção X-ão intensifica/reforça o sentido negativo da base, como em ‘chatão’, ‘feiosão’ e ‘marrentão’, entre outros exemplos. Quando a base é neutra, o sufixo aqui focalizado imprime à formação caráter apreciativo: ‘bifão’, ‘filmão’, ‘amigão’. É inegável o caráter pejorativo em formações como ‘narigão’, ‘barrigão’ e ‘bocão’, todas com bases neutras. Defendemos que o aspecto negativo da construção não advém do sufixo aumentativo, mas do afastamento ao protótipo (padrão cultural) esperado para a dimensão das partes do corpo. Não é à toa que todas as formações negativas encontradas no *corpus* provenham do domínio “partes do corpo/anatomia humana”. Dessa forma, se o aumentativo – nesses casos usado para indicar tamanho maior que o convencional – adquire feição negativa, a pejoratividade resulta de algo instituído culturalmente. Por isso, não incluímos tais formas nos usos avaliativos de -ão (mas na expressão do significado central – “tamanho grande”).

|                           |                              |                      |
|---------------------------|------------------------------|----------------------|
| chefão (“poderoso”)       | mendigão (“refrigerante”)    | pancadão (“funk”)    |
| corujão (“filme noturno”) | podrão (“cachorro quente”)   | orelhão (“telefone”) |
| bafão (“fofoca quente”)   | sapatão (“homossexual”)      | quentão (“bebida”)   |
| verdão (“Palmeiras”)      | mochilão (“tipo de turismo”) | tigrão (“garanhão”)  |
| tijolão (“celular”)       | arrastão (“assalto”)         | caldeirão (“baile”)  |

As formas em (09) são bem menos transparentes que as apresentadas em (08) e, por isso mesmo, colocamos os significados entre parênteses. Nesse grupo de palavras, a motivação é metafórica (cerca de 35% dos dados) ou metonímica (aproximadamente 65% dos casos), ao contrário do anterior (exemplos em 08), de motivação exclusivamente analógica. Há, portanto, um *continuum* de opacidade, se levarmos em conta os dois grupos: nas formas em (09), é bem mais difícil interpretar o todo pela soma das partes, já que, por exemplo, ‘podrão’ nomeia, metonimicamente, o “cachorro-quente barato ingerido após a balada” e visto pelo falante como um risco à saúde alimentar (pode estar estragado, podre). De modo análogo, ‘mendigão’ denomina um refrigerante de marca mais popular, de mais baixo valor aquisitivo, comprado por questões de economia.

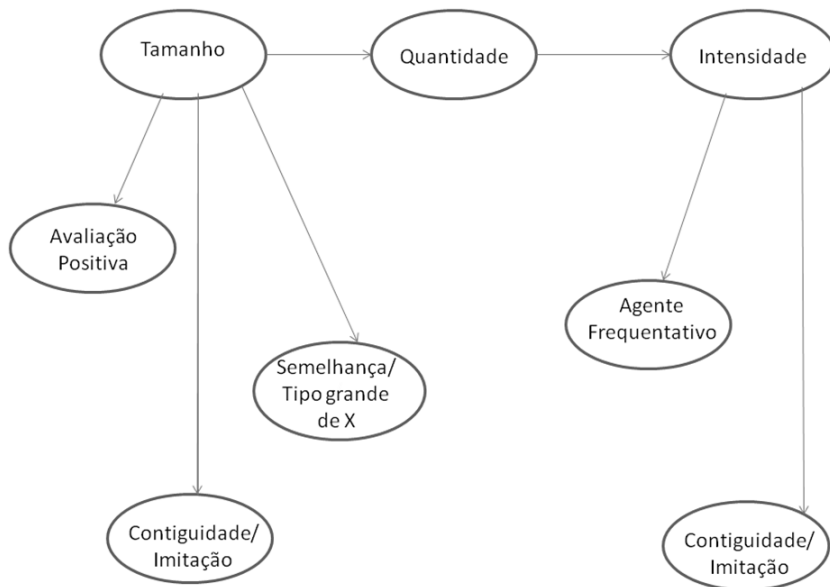
A metáfora também está presente nos dados em (09), já que ‘tijolão’, por exemplo, nomeia um celular ou um livro de proporções maiores que as convencionais, concebidos, pelo falante, como parecidos como um tijolo. É também de base metafórica a criação de ‘medalhão’, “tipo redondo de bife envolto em *bacon*”, que se assemelha a uma medalha. Há formas lexicalizadas aparentemente sem motivação nos dias atuais. Em (10), a seguir, aparecem construções em que já não mais é possível o estabelecimento da motivação semântica responsável pela criação lexical: a relação entre o significado palavra-base e o significado da construção resultante se perdeu, a ponto de não ser reconhecida ou resgatada pelo falante:

(10) castelão, escrivão, ferrão, macacão, mulão, pistolão, plantão, pregão, Ricardão, galão, saião, tabelião, tufão, vilão, tendão, serão, avião, caminhão.

## Palavras finais – sobre a rede radial das formas X-ão

Pelo que se expôs ao longo deste capítulo, podemos propor a seguinte rede radial para formalizar a polissemia do sufixo -ão:

(11)



Por (11), observa-se que o significado “*tamanho grande*” (‘bigodão’, ‘chaveirão’, ‘canetão’) pode ser metafórica ou metonimicamente interpretado como “*quantidade maior*” (‘pratão’, ‘copão’, ‘carteirão’) ou “*mais intensidade*” (‘bonitão’, ‘rapidão’, ‘legalzão’), caracterizando os empregos mais centrais do aumentativo.

Por pragmatização, os significados “*tamanho grande*” e “*intensidade*” levam a usos mais avaliativos de -ão, apreciativo e depreciativo, nesta ordem – ambos caracterizados pelo que Basílio (1987) chama de função expressiva dos processos de formação de palavras. Nesses casos, a ideia de aumento se manifesta pela avaliação da excelência (‘carrão’, ‘apartamentão’, ‘vistão’) ou da habitualidade (‘filão’, ‘resmungão’, ‘peidão’), revelando, subjetiva ou retoricamente, o impacto positivo ou negativo do falante em relação ao elemento referido.

Os três últimos balões caracterizam o que Silva (2007) chama de “formação de entidades” e remetem ao fenômeno da lexicalização semântica (ROCHA, 1998). Mais próximos do centro estão os casos de analogia, como ‘varandão’, ‘calçadão’, ‘piscinão’ e ‘lixão’, denominados “*tipo grande de X*” ou “*versão de X aumentada*”, sem grande distanciamento da palavra-base, já que X-ão caracteriza algo com alguma especialização em relação a X.

Mais distanciadas do centro aparecem construções que denominamos de “*imitação de X*” ou “*contiguidade de X*”, como ‘amarelão’, ‘tigrão’, ‘pancadão’ e ‘sapatão’. Esses casos de lexicalização são metonímicos, na grande maioria, e a interpretação composicional quase nunca é possível. Muitos deles são jocosos e até mesmo irônicos, revelando, implicitamente, uma avaliação quase sempre negativa por parte do falante, a exemplo de ‘podrão’ (“cachorro-quente”) e ‘mendigão’ (“refrigerante”).

A rede a que chegamos parece resolver as questões inicialmente colocadas. Ela expressa a radialidade da categoria “aumentativo” e mostra que habilidades cognitivas, já fartamente descritas na literatura, proporcionam as diversas extensões de significado do sufixo. É interessante observar que, de um grupo para o outro, a criação lexical se dá regularmente por processos analógicos, metafóricos e metonímicos. A rede também expressa que há um centro prototípico e grupos que apresentam diferentes graus de afastamento desse centro – um deles (“*agente frequentativo*”), inclusive, ligando-se apenas indiretamente.